

Aos 34 anos, Brasília apresenta seus netos

Sheila D'Amorim

Qual o resultado de uma cidade que nasceu da mistura da malandragem carioca com o conservadorismo mineiro, a simplicidade goiana, o bairrismo gaúcho, o espírito festeiro baiano, o gosto pelo trabalho do paulista e o jeito hospitaleiro do nordestino? Em Brasília foi assim. Desde o início, a feijoada, o tutu de feijão, o arroz com pequi, o churrasco, o vatapá, as massas e a carne de sol fizeram parte do mesmo cardápio, sem problemas. Mas, depois de 34 anos, a cidade já tem duas gerações de brasilienses — são os “netos de Brasília” — e começa a criar seus próprios costumes e tradições.

Pelas estimativas da Codeplan, 41% da população, um milhão 731 mil 863 pessoas, segundo projeções para 1994, são brasilienses natos. A maior influência de fora fica com os mineiros que representam 11%, os goianos, 8%, e os cearenses, 6%. Os piauienses e baianos vêm em seguida com 5%. O menor percentual fica com os paraenses e gaúchos, 1%. Pernambuco, Rio Grande do Norte e São Paulo participam com 2%, enquanto Maranhão, Paraíba, Rio de Janeiro e demais

estados estão com 4%.

O advogado José Carlos Gentili, de 54 anos, é pioneiro na cidade. Gaúcho, casado com uma pernambucana, é o pai do empresário Cristiano Sampaio Gentili, de 27 anos, que nasceu e se criou em Brasília e hoje é pai de quatro filhos, todos nascidos aqui. Casado com uma goiana, Cristiano acredita que seus filhos são a geração de brasilienses genuínos. “Eu não absorvi nada da cultura do meu pai e os meus filhos, muito menos. Eles estão criando, a deles, mas ainda é uma coisa indefinida”, explica, comentando que nunca tomou chimarrão e é apaixonado por uma feijoada. Os filhos de Cristiano, “netos de Brasília”, são: Andrei, oito anos, Gregori, quatro, Juan Carlos, dois, e Yuri, cinco meses.

Marcos Cardoso César da Silva, advogado e empresário, 32 anos, é brasiliense, filho de um carioca e uma goiana e amante de arroz com pequi e empadão de frango. “Os costumes até hoje foram conflitantes, não estavam prontos. Eles estão se formando agora. Meus filhos, por exemplo, gostam mesmo é de bife com batata frita”, conta, referindo-se aos gêmeos Felipe e Ewerton, de seis

anos, dois outros “netos de Brasília”.

Vitor José de Vasconcelos Grossi é mineiro, tem 34 anos. Marina Gonçalves de Araújo Grossi, sua mulher é goiana e também tem 34 anos. Ambos vieram para Brasília antes de completar cinco anos de idade, casaram e tiveram Gabriel de Araújo Grossi, de 15 anos. Nenhum dos três possui sotaque específico de um lugar e nem Vitor ou Marina fazem questão de preservar a cultura de origem. Ele, ao contrário do pai, o respeitado advogado José Geraldo Grossi, troca qualquer prato mineiro por uma boa macarronada e não tem nada de conservador. Ela odeia pequi e adora peixe. Apesar de ser filha de fazendeiros, gosta mesmo é da cidade grande. Já Gabriel ainda acha Brasília pequena para ele. Admira São Paulo, onde gostaria de morar um dia e o prato predileto é pizza.

“Brasília sempre foi muito acolhedora, com espírito harmônico. Não houve dificuldades para convivência das várias culturas que se diluíram e estão formando um nova”, resume o goiano Dilermando Meireles, 65 anos, procurador de Justiça, pai e avô de brasilienses.

IVALDO CAVALCANTE



Seus avós chegaram com Juscelino. Hoje eles não gostam de Collor e vêem com simpatia Itamar Franco